

A Escola no Acervo e os desafios do Projeto Difusão e Educação Patrimonial da FGV CPDOC em tempos pandêmicos

The School in the Collection and the challenges of the Dissemination and Heritage Education Project of FGV CPDOC during the pandemic

Martina Gonçalves Spohr¹
Daniele Chaves Amado²
Ayra Guedes Garrido³

Resumo:

Durante a pandemia, as instituições de ensino, culturais e arquivísticas tiveram que reinventar sua forma de realizar suas atividades e seu contato com a sociedade. Nesse relato, contaremos a experiência do *Projeto Difusão e Educação Patrimonial*, para democratizar o acesso do público escolar ao conhecimento do acervo histórico da FGV CPDOC. Para isso, desenvolvemos as seguintes iniciativas virtuais: o *Escola no Acervo*, que consiste em um programa de visitas virtuais temáticas guiadas pelo acervo do CPDOC; e a *Oficina Online de Uso de Fontes Históricas em Sala de Aula*, dedicada a professores e alunos de graduação, visa capacitar docentes para o uso de fontes históricas em suas aulas. Nesse texto, discutiremos os desafios para a implementação dessas iniciativas e seus resultados, propondo também uma reflexão de como será a educação patrimonial em arquivos no pós-pandemia.

Palavras-chave: Arquivos; educação patrimonial; fontes históricas; ensino de história.

Abstract:

During the pandemic, educational, cultural and archival institutions had to reinvent the way they carried out their activities and their contact with society. In this report, we will describe the experience of the Dissemination and Heritage Education Project, to democratize the access of the school public to the knowledge of the historical collection of FGV CPDOC. To this end, we have developed the following virtual initiatives: the School in the Collection, which consists of a program of thematic virtual tours guided by the CPDOC collection; and the Online Workshop on the Use of Historical Sources in the Classroom, dedicated to teachers and undergraduate students, the workshop enables teachers to use historical sources in their classes. In this text, we will discuss the challenges for the implementation of these initiatives and their results, also proposing a reflection on how heritage education in archives will look like after the pandemic.

Keywords: Archives; heritage education; historical sources; history teaching.

¹ Professora Adjunta (FGV CPDOC), Professora Visitante na University of Hawaii at Manoa com bolsa CAPES PrInt e Doutora em História Social (UFRJ). E-mail: martina.spohr@fgv.br.

² Analista de Documentação e Informação (FGV CPDOC) e Doutoranda em História (Unirio). E-mail: daniele.amado@fgv.br.

³ Pesquisadora Bolsista (FGV CPDOC) e Doutoranda em História, Política e Bens Culturais (FGV CPDOC). E-mail: ayra.garrido@fgv.br.

1 Introdução

O Projeto Difusão e Educação Patrimonial da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC) teve início no ano de 2017, com a finalidade de potencializar o acesso ao acervo histórico do CPDOC, com ênfase no acervo do ex-presidente Getúlio Vargas. Esse arquivo foi o primeiro a ser doado, ainda em 1973, na criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, com a missão de abrigar fundos documentais privados relevantes para a história política do país.

Esse arquivo também foi um dos primeiros a ser digitalizado e se encontra disponível na base de dados ACCESSUS.⁴ Ao longo de sua existência o CPDOC já recebeu mais de 220 arquivos pessoais de homens e mulheres com reconhecidas atuações públicas, com um volume estimado de mais de 2 milhões de documentos textuais, fotografias, áudios e vídeos. Entre esses arquivos destacam-se os que pertenceram a: Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, Alzira Vargas, João Goulart, Ernesto Geisel, Almerinda Farias Gama, entre outros.

Desde 2016, a Escola de Ciências Sociais conta com a Casa Acervo, que abriga uma Sala de Educação Patrimonial, uma sala de consulta, um centro de organização e tratamento dos arquivos, e um anexo que abriga todo o conjunto documental do nosso acervo. Esse bunker conta com quatro espaços de armazenamento, com temperatura e proteção a incêndios para a segurança e preservação dos documentos.

No ano seguinte, com a criação do Projeto Educação e Difusão Patrimonial do acervo histórico do CPDOC, o objetivo era garantir que os produtos produzidos pelo projeto alcançassem professores, alunos, estudantes universitários e o público em geral, já que os arquivos, na maioria das vezes são acessados por pesquisadores do Ensino Superior. Para isso, mobilizamos uma equipe de pesquisadores, formada por historiadores e cientistas sociais, para um mapeamento no arquivo pessoal Getúlio Vargas para conhecer a fundo as temáticas e informações desse conjunto documental.

Uma das primeiras iniciativas do Projeto foi a criação da Exposição Virtual “*Saio da Vida para entrar na História*”: *Getúlio Vargas e a Propaganda Política (1930-1954)*⁵ com documentos textuais, sonoros e audiovisuais, disponíveis para download, do acervo da FGV CPDOC. Inaugurada em 2018, a exposição também conta com um módulo de *Atividades*

⁴ Ver <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo> . Acesso em: 22 set. 2021.

⁵ Disponível em: <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/> . Acesso em: 22 set. 2021.

Educativas, com jogos sobre a temática dos governos Vargas, para que os professores possam utilizá-los em sala de aula. A Exposição contava, em julho de 2021, com mais de 56 mil visualizações.

Também desenvolvemos uma Sala de Educação Patrimonial, dentro da Casa Acervo, para que pudéssemos receber a visita de escolas públicas e particulares. A sala, que seria inaugurada em abril de 2020, possui atividades interativas e jogos em torno da temática dos arquivos e do arquivo pessoal do ex-presidente Getúlio Vargas. Devido a pandemia, não conseguimos inaugurar a sala e iniciar as visitas presenciais ao acervo.

2 Escola no Acervo

Criado em setembro de 2020, no período da pandemia do COVID-19, o *Escola no Acervo* nasceu como forma de aproximar o público escolar do acervo histórico da FGV CPDOC. O programa voltado para o público escolar, é constituído por visitas temáticas guiadas, pelo arquivo pessoal de Getúlio Vargas e de outros arquivos do acervo do CPDOC de forma virtual, pela plataforma Zoom. Nesse momento pandêmico, o programa buscou também auxiliar os professores em suas aulas à distância, contribuindo para a construção do conhecimento histórico e sociológico, através das visitas virtuais.

São seis roteiros temáticos, que foram produzidos através de pesquisas no acervo, com ênfase no arquivo pessoal do ex-presidente Getúlio Vargas. Para isso, escolhemos documentos textuais, sonoros e audiovisuais que pudessem despertar o interesse dos alunos sobre o mundo dos arquivos e a história política contemporânea do Brasil, além de estimular os estudantes a se reconhecerem como “agentes históricos”, “Nossa concepção é que ensinar História na escola significa permitir aos estudantes abordar a historicidade de suas determinações socioculturais, fundamento de uma compreensão de si mesmos como agentes históricos e das suas identidades como construções do tempo histórico.”⁶

Para a realização dos roteiros das visitas, foram escolhidos documentos digitalizados (o que facilitaria que o aluno tivesse acesso ao documento após a visita), com uma linguagem simples e que potencializasse os debates em torno das temáticas das visitas. Foram realizados até agora 6 roteiros temáticos: *Quem foi Getúlio Vargas?*, sobre a trajetória pessoal e política de Getúlio Vargas; *Mulheres e Política*, sobre o ativismo e a importância das mulheres na

⁶ PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008. p. 119.

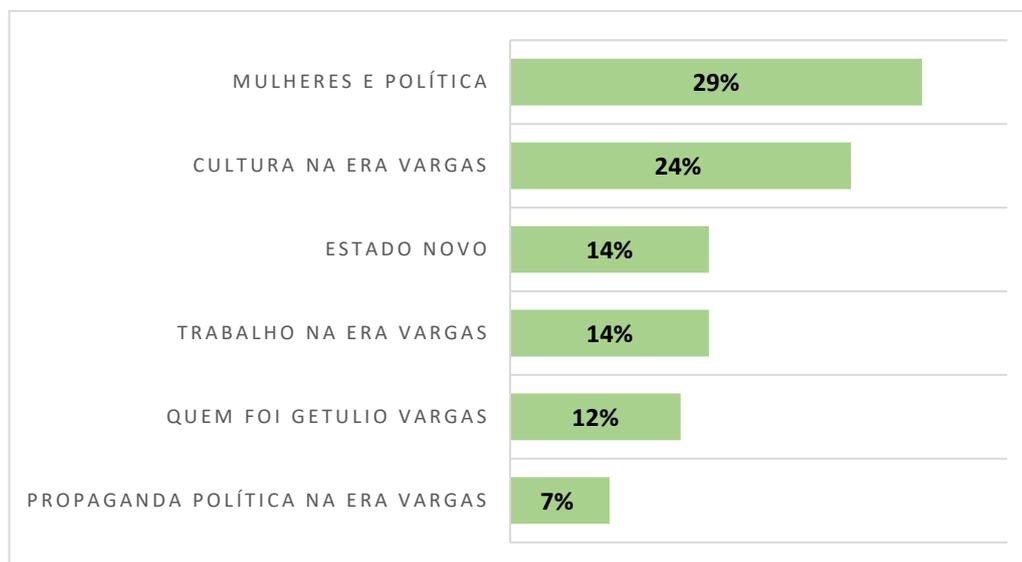
política durante a Era Vargas, com foco nas figuras de Almerinda Farias Gama, Alzira Vargas e Anna Amélia de Queiroz, que possuem seus arquivos depositados na FGV CPDOC; *Trabalho na Era Vargas*, sobre a questão do trabalho nos governos de Getúlio Vargas, a criação dos direitos trabalhistas, conflitos entre trabalhadores e patrões e a relação de Vargas com os trabalhadores; *Estado Novo*, sobre o período ditatorial, de 1937 a 1945 na Era Vargas, debate a questão do nacionalismo e do controle dos meios de comunicação para promover o Estado Novo e a figura do presidente Getúlio Vargas; *Propaganda Política na Era Vargas*, sobre a relevância da propaganda e dos meios de comunicação nas campanhas políticas, como a Campanha de 50 e o Movimento Queremista; e *Cultura na Era Vargas*, uma viagem pela cultura, construções e costumes do Brasil e do mundo nas décadas de 30, 40 e 50 a partir dos documentos do acervo da FGV CPDOC. Esse roteiro temático tem como objetivo problematizar a relação entre política e cultura através das questões cotidianas do período de Vargas na presidência.

Todos os roteiros temáticos já foram apresentados nas visitas. Com a difusão do total de documentos apresentados nos roteiros, conseguimos difundir, entre o público escolar, 102 documentos em um ano de visitas. Os roteiros mais acessados pelo público são: *Mulheres e Política* (29%) e *Cultura na Era Vargas* (24%), como podemos ver no **Gráfico** abaixo.

Isso mostra que assuntos relacionados às minorias e à cultura têm sido mais procurados pelos professores. Tal procura se coloca como um desafio para os educadores de arquivos, profissionais que trabalham com educação patrimonial em arquivos, em ampliar novos temas e abordagens⁷ nas atividades educativas institucionais, que possam auxiliar na aproximação com os alunos, de acordo com o seu cotidiano e práticas sociais.

⁷ CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008. p. 131.

Gráfico 1 - Distribuição percentual das visitas do Escola no Acervo, de acordo com os roteiros de visita escolhidos por professores.



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do Projeto Escola no Acervo.

As visitas são agendadas através do preenchimento de um formulário do Google e a inscrição é realizada pelos professores. Nesse formulário, colhemos algumas informações importantes sobre as visitas: e-mail do professor, seu nome, nome da escola, se ela é pública ou privada, cidade e estado, ano/série da turma, faixa etária dos alunos, número de alunos (pedimos um máximo de 50 alunos), escolha do roteiro temático, se há algum documento do acervo que o professor deseja que esteja na visita, objetivo da visita e como soube do *Escola no Acervo*. A nossa recomendação aos professores é que as visitas sejam feitas com turmas a partir dos 10 anos de idade. O número máximo de alunos na visita, no início do programa era de 30 alunos, com a preocupação de dar atenção a todos os alunos e de não atrapalhar a dinâmica das atividades. Porém, recebemos pedidos de professores para aumentarmos o número de alunos, devido ao tamanho das turmas. Devido a isso, aumentamos o número máximo para 50 alunos, mas consideramos como algo flexível, já que percebemos que nunca estão presentes todos os alunos que foram inscritos. Talvez por ser uma atividade extraclasse ou mesmo por dificuldade dos alunos em acessarem a internet ou por não terem aparelhos digitais.

Essa captação de informações, nos auxiliam a entender melhor qual o perfil da turma que iremos receber e nos adaptar para cada turma. Todos esses dados são armazenados em um banco de dados para que possamos compreender o alcance, os resultados e o impacto social.

Dessa forma conseguimos mapear quantas cidades, estados, escolas e séries escolares estamos atingindo.

A questão geográfica é um fator importante, já que o contato virtual nos proporciona um alcance maior que o presencial não conseguiria alcançar. Segundo os pesquisadores Silvia García-Ceballos e Ajo Borsa Morán, a partir da pandemia, as instituições culturais passaram a realizar mais atividades virtuais, visto que antes, o uso da internet pelas instituições não passava de divulgação de atividades presenciais.⁸ Para os autores, a pandemia além de ampliar o acesso do público a essas instituições, como elas não ficam mais limitadas ao espaço físico, deram um passo definitivo na ampliação das suas atividades online: “La situación vivida puede suponer un paso definitivo en la implantación de los entornos virtuales como una extensión más de las instituciones culturales y museísticas.”⁹ Durante 1 ano de Projeto, conseguimos atingir mais de 500 alunos distribuídos em 4 regiões do Brasil, 10 estados e 18 cidades, das mais diversas realidades, veja o Mapa:

Mapa 1 - Unidades da Federação (UFs) que realizaram visita no Projeto Escola no Acervo de setembro de 2020 a junho de 2021.



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do Projeto Escola no Acervo.

⁸ GARCÍA-CEBALLOS, Silvia; MORÁN, Borsa Ajo. *Patrimonio confinado: nuevos diálogos, desafíos y competencias educativas*. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, DF*, v. 7, n. 3, p. 160-169, 2020, p. 165.

⁹ Id, 2020, p. 164.

Outros pontos levantados por García-Ceballos, são as desigualdades educacionais e de acesso aos meios digitais¹⁰. No Brasil, sabemos que a realidade escolar é muito desigual, tanto em escolas públicas quanto privadas, dependendo também do local, onde essas escolas se localizam, como as desigualdades regionais.

Durante o *Escola no Acervo*, tivemos visitas que foram canceladas pelos professores por falta de acesso dos alunos a internet, em suas casas e nas escolas. Porém, tivemos quase o mesmo número de visitas de escolas públicas e privadas, o que pode sinalizar, que se essas escolas tivessem mais acesso aos recursos tecnológicos, poderíamos ter mais escolas públicas participando do projeto. Pensando também na questão de tornar as visitas mais acessíveis, desenvolvemos atividades virtuais em baixa resolução, para que não comprometesse a conexão da internet, dado que muitos alunos acessam as visitas pelo celular e por um programa de dados de internet. Essas dificuldades enfrentadas pelo ensino escolar brasileiro, nos apresenta o quanto a questão de ampliar as atividades de educação patrimonial em arquivos é um desafio. Ter um maior alcance de escolas em todo o país, através do meio virtual é importante, mas também sabemos das dificuldades tecnológicas de muitos estudantes, se fazendo necessária a execução de atividades presenciais e virtuais nessas instituições. Infelizmente, devido a recursos financeiros, ainda não conseguimos garantir acessibilidade a nossas visitas, para poder receber alunos com deficiência. Sabemos da importância de ampliar a acessibilidade da educação patrimonial aos arquivos e de como essa ampliação proporciona um ambiente de maior diversidade entre os alunos.

Outra dificuldade que temos no Projeto é a divulgação das visitas. As iniciativas de educação patrimonial em arquivos, ainda são desconhecidas do público em geral, tanto no formato presencial, quanto no virtual. Além disso, as redes sociais do CPDOC ainda não são tão conhecidas do público, com exceção do público de pesquisadores do ensino superior. E como as redes sociais são a principal ferramenta de comunicação das instituições, temos uma dificuldade de chegar até as escolas.

Ao entrar em contato com os professores, após a confirmação da data da visita, é enviada a eles uma cartilha com orientações da visita, sobre a segurança da sala virtual e como interagir com os mediadores durante a visita. Dessa forma, orientamos os alunos e professores que não compartilhem o link da visita com terceiros e que se identifiquem ao entrarem na visita. Também pedimos aos professores que preencham uma lista com o nome dos participantes da

¹⁰ Ibid, p. 164.

visita (alunos e professores), para que possamos ter um controle de quem entra na sala virtual e não haja invasões. Além disso, enviamos um tutorial de uso da plataforma Zoom, para que os alunos e professores possam ter um auxílio no uso do programa que utilizamos na visita.

3 As visitas

As visitas virtuais aconteciam uma vez por semana durante o início do programa em 2020. Devido ao aumento da demanda planejada, aumentamos, ainda na 1ª etapa, para duas vezes na semana. Já no primeiro semestre de 2021, optamos por continuar com dois horários de visitas semanais. Porém, devido a uma grande demanda, tivemos que abrir mais um horário por semana, totalizando 3 visitas por semana. Agora, estamos realizando 2 visitas semanais.

No início da visita, fazemos uma conversa breve com os alunos sobre o mundo dos arquivos e os bastidores de trabalho no arquivo do CPDOC, para que os alunos possam conhecer um pouco como funcionam as atividades arquivísticas. Depois, apresentamos o roteiro através de uma apresentação de slides com documentos do acervo, acompanhados de uma explicação histórica e contação de histórias e curiosidades. Ao final da visita realizamos 2 jogos com os alunos, o primeiro é realizado através da plataforma *Kahoot*. Gratuita e interativa, o jogo permite que a equipe possa fazer perguntas e respostas sobre a temática do roteiro, além de ter a possibilidade de inclusão de fotos no jogo. Essa plataforma é bastante utilizada entre os professores do ensino básico. O segundo jogo que utilizamos é o *Desafio Vargas*, uma adaptação do jogo que fizemos para a exposição virtual¹¹, que consiste em uma atividade feita em através da apresentação de slides, com dicas sobre fatos históricos, pessoas, anos e lugares dos governos Vargas, para que os alunos possam acertar.

A interação com os alunos é sempre melhor nos jogos, no roteiro *Cultura na Era Vargas*, utilizamos um jogo durante a apresentação dos documentos. Porém, a interação depende muito de cada turma, cabe ao mediador sentir o que está dando certo ou não com aqueles alunos. A interação é ainda mais difícil no meio virtual, já que ela se dá através das telas ou do chat. A maioria dos alunos passam toda a visita com a câmera fechada, apesar de pedirmos para que eles abram para que possamos vê-los, a maior interação deles, durante a visita, se dá através do chat.

¹¹ Disponível em: https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/sites/expo-virtual-cpdoc.fgv.br/files/documentos/desafio_vargas_cor.pdf. Acesso em: 23 set. 2021.

Com o lançamento do programa em setembro de 2020, recebemos inscrições de instituições arquivísticas que se interessaram em conhecer a iniciativa, com o objetivo de implementarem um programa educativo virtual em suas instituições. Dessa forma, recebemos 4 instituições do Estado de São Paulo: Fundação Fernando Henrique Cardoso, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp e o Centro de Memória e Integração Cultural Bertha Moraes Nérici (CEMIC), localizado na cidade de Santana do Parnaíba. Nestes encontros trocamos experiências sobre as dinâmicas das visitas escolares realizadas pelas instituições, algumas já desenvolvem atividades presenciais, outras estão iniciando as atividades virtuais, e essa troca entre as instituições é sempre muito enriquecedora, para compartilharmos os desafios, experiências e resultados que têm dado certo e para que possamos evoluir em nossas atividades. Também recebemos esse ano, a visita de um Projeto da Escola de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que leva professores da rede pública a conhecer iniciativas de educação fora da escola. O contato maior com os professores, nos auxilia também a pensar de que forma o nosso Projeto pode auxiliá-los a diversificar o ensino e ter mais contato com o patrimônio histórico do país. O encontro com a Escola de Formação de Professores da UERJ, gerou uma Oficina Online de Uso de Fontes Históricas, em formato reduzido, para professores e alunos da Escola da UERJ, para capacitá-los no uso de fontes em sala de aula, falaremos sobre isso mais adiante.

O Programa funciona de acordo com o calendário escolar, com pausas ao longo do ano conjuntamente com as escolas. Essas pausas nos auxiliam a avaliar o programa e de que forma podemos melhorá-lo.

4 Oficinas Online de Uso de Fontes Históricas em Sala de Aula

Como parte das nossas atividades de educação e difusão patrimonial, incorporamos no projeto, a realização de *Oficinas de Uso de Fontes Históricas em sala de aula* que já vinham sendo realizadas no CPDOC desde 2013, por iniciativa da Coordenação de Documentação e do Programa de Arquivos Pessoais (PAP)¹².

As oficinas têm por intuito promover a capacitação de professores e estudantes de licenciatura em história, ciências sociais e áreas afins para trabalharem em sala de aula com fontes históricas:

¹² A coordenadora do PAP atualmente é a pesquisadora Carolina Gonçalves Alves.

A iniciativa visa mais que a divulgação do acervo, ela envolve ainda o entendimento de que os arquivos históricos possuem grande potencial na construção do conhecimento histórico escolar, que deve ser mais explorado, tanto pelas instituições de guarda de acervos quanto pelos professores de História.¹³

Assim, as oficinas buscam promover o conhecimento do que são os arquivos pessoais¹⁴, quais são suas peculiaridades como fonte histórica, como funciona a busca na nossa base de dados, que tipo de fontes eles poderiam localizar e quais as possibilidades de produção de conhecimento histórico com essas fontes. A Oficina tem como produto final a produção de um plano de aula, realizado com documentos do acervo do CPDOC.

Com a pandemia, nós adaptamos as Oficinas para o formato virtual, conseguindo fazer uma oficina a cada semestre. Porém, nós tivemos que adaptar a forma de fazermos a oficina, já que o momento de estar com os professores no acervo, tendo contato com os documentos físicos era um dos momentos mais importantes. Elas então se organizam da seguinte forma:

A oficina é dividida em três encontros. Na primeira sessão fazemos um debate teórico sobre o uso de fontes em sala de aula, no qual indicamos dois textos para serem lidos antes do encontro. No segundo encontro, ensinamos os participantes como utilizar a base de arquivos do CPDOC e da Exposição Virtual, depois é realizada uma divisão de grupos em salas virtuais compartilhadas. Nessas salas, os participantes se reúnem para escolher a temática e quais documentos que irão utilizar para fazer o plano de aula. No terceiro encontro, é feito um debate final sobre o desenvolvimento dos projetos de plano de aula, onde os grupos apresentam suas propostas de planos, com a justificativa do uso das fontes históricas e a ligação com o tema. Como avaliação final da Oficina, os grupos devem entregar um plano de aula com o uso de documentos do nosso acervo. O plano é entregue duas semanas após a última sessão. Para auxiliar na realização dos planos de aula, enviamos um modelo que contém questões como: quais documentos serão utilizados, de que forma, qual a sequência didática utilizada antes e

¹³ AMADO, Daniele. Oficina de uso de fontes primárias em sala de aula: a experiência da Escola de Ciências Sociais/CPDOC. In: AMADO, Daniele; MONTEIRO, Fernanda (orgs.). *Café com arquivo: o documento em debate*. 1. ed. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO): Escola de Ciências Sociais (FGV/CPDOC), 2018. p. 93-112. Disponível em: https://issuu.com/costa.catarina/docs/revista_ca?fbclid=IwAR0WLYo5CeC9P1Z5ocnj4QM87s73hFvcAaLuAxf2LF8E1mZyIVXY4AE6epw . Acesso em: 23 set. 2021. p. 96.

¹⁴ Entendemos por arquivos pessoais o conjunto de documento recebidos, produzidos e acumulados por uma pessoa física de direito privado. São documentos ligados à vida pessoal, familiar, profissional, religiosa e política de qualquer cidadão que apresente interesse para a pesquisa histórica. Ver: BELLOTTO, Heloisa Liberali. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

depois daquela aula, quais os materiais de apoio que serão utilizados, qual série ele será aplicado e em qual conteúdo temático.

Apesar da pandemia ter feito com que readaptássemos as Oficinas de forma brusca, ela possibilitou algumas observações sobre a realização de uma oficina para professores de forma virtual. As Oficinas realizadas em 2020 e 2021 possibilitaram um maior alcance de realidades escolares e de professores, tendo um número de inscrição em algumas edições de mais de 100 inscrições de todas as regiões do Brasil e de Portugal. As oficinas virtuais também possibilitaram um novo olhar sobre as características do nosso acervo, engrandecendo a potencialidade de temas que constituem os arquivos do CPDOC. Além disso, tivemos a realização de planos de aula que destacavam as histórias locais das diversas regiões do país, mostrando a pluralidade de “Brasis”, através do acervo do CPDOC, mostrando uma valorização da história local pelos professores brasileiros.¹⁵

No nosso projeto, buscamos aproximar escola e arquivo, dessa forma, nas primeiras oficinas oferecidas presencialmente só eram aceitos professores, mas muitos alunos de graduação em licenciatura ou outros cursos procuravam as oficinas para se capacitar. Assim, começamos a incluí-los nas Oficinas presenciais e hoje, no formato virtual. Portanto, percebemos que muitos estudantes de humanas em formação, não tinham conhecimento sobre como se trabalhar com um documento. As oficinas visam capacitar o “professor educador” a usar o documento em sala de aula de forma investigativa e analítica, buscando as semelhanças e diferenças de vestígios do passado e não como uma prova ou atestado de verdade. Segundo Andrade, a atividade de um professor educador envolve um planejamento pedagógico. No qual, ele seleciona conteúdos, tendo como princípio a libertação da “tirania conteudística dos programas”¹⁶. Priorizando assim a construção dos conceitos, a análise do contexto temporal, a aplicação de categorias e o emprego do vocabulário. Para isso é necessário que se utilize diversos recursos pedagógicos, que problematizem o ensino, colocando questões do mundo acadêmico e das vivências próprias dos alunos. Construindo, assim, um conhecimento histórico através da observação, descrição, comparação e análise dos documentos.¹⁷

¹⁵ CAIMI, op. cit.

¹⁶ ANDRADE, Vera Cabana. Repensando o documento histórico e sua utilização no ensino. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (Org.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2007. p.231-237.

¹⁷ ANDRADE, op. cit.

5 Considerações Finais

A educação patrimonial em arquivos ainda é pouco difundida nos arquivos brasileiros¹⁸. Os arquivos possuem a função de não só guardar e preservar o patrimônio histórico, mas difundi-lo pela sociedade, no entanto, essas instituições enfrentam imensas dificuldades de preservar os acervos, organizá-los, armazená-los ou promover projetos de difusão e projetos educativos. Seja por questões financeiras, falta de interesse público ou de pessoal.¹⁹ Alguns arquivos na cidade do Rio, como o Arquivo Nacional, a e a Fundação Casa Rui Barbosa possuem iniciativas de visitas de escolas e de atividades educativas. No estado de São Paulo, iniciativas do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp e do Arquivo Municipal de Rio Claro, promovem ações interessantes de Educação Patrimonial, através dos seus Núcleos e/ou Departamentos Educativos que realizam eventos, cursos, oficinas, visitas e desenvolvimento de atividades lúdicas, para despertar o interesse do público escolar pelo conhecimento produzido nos acervos.

Segundo Fratini, é necessário “criar mecanismos que viabilizem e estreitem de fato a relação entre patrimônio e sociedade. Esse é o papel da educação patrimonial”.²⁰ Apesar das iniciativas desenvolvidas por essas instituições arquivísticas, ainda estamos muito aquém de alguns países como os Estados Unidos e a França no quesito educação patrimonial de acervos, que iniciaram seus programas educativos ainda na década de 50. No Brasil, as discussões acerca das possibilidades históricas do acervo para o público escolar só começam a ser discutidas na década de 80. Fratini aponta que além das dificuldades financeiras, de espaço e das características dos acervos, há também uma resistência por parte dos arquivistas na implementação de políticas educacionais nos acervos.

É comum entre os arquivistas valorizar a difusão e os instrumentos de descrição, pois não há dúvida de que é vital para um arquivo a existência desses serviços. Contudo, parecer haver certa resistência em relação à questão da educação patrimonial por parte dos arquivistas brasileiros de maneira geral. É necessário rever esse conceito, posturas e discutir sobre esse assunto no meio arquivístico, entre os profissionais da área e nos cursos de especialização e graduação.²¹

¹⁸ PARRELA, Ivana. Educação Patrimonial nos arquivos brasileiros: algumas experiências e perspectivas de uso da metodologia. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 41, n. 1, p. 124-133, jan./abr., 2013.

¹⁹ FRATINI, Renata. Educação Patrimonial em Arquivos. *Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 34, 2009.

²⁰ Ver FRATINI, Renata. Educação Patrimonial em arquivos. *Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*. São Paulo, n. 34, 2009.

²¹ Idem.

Podemos ver assim, que apesar das dificuldades encontradas pelas instituições arquivísticas, existem iniciativas de sucesso na área educativa em acervos. A educação patrimonial se coloca como um desafio ainda maior para os acervos brasileiros devido à necessidade de desenvolver uma consciência de valorização, preservação e difusão do conhecimento histórico. Dessa forma, a educação patrimonial tem uma função importante no desenvolvimento do pensamento e conhecimento crítico das atuais e futuras gerações de brasileiros.

Existem alguns desafios que têm sido apresentados ao nosso Projeto: como aproximar os alunos dos arquivos, fazer com que eles conheçam o seu conteúdo, se interessem e tenham familiaridade com o conhecimento produzido nos acervos históricos; a importância da utilização do lúdico nas atividades do Projeto (jogos, brincadeiras, curiosidades), que fazem com que as questões abordadas nos documentos possam ser aprendidas de uma forma mais divertida; compreensão do tempo histórico, como as pessoas viviam no século XX, como eram seus costumes, as invenções. Isso transporta os alunos à percepção dos processos históricos e mudanças nas sociedades; compreensão e análise dos documentos como parte do Parâmetros Curriculares Nacionais, como usar documentos em sala de aula; desconhecimento, por parte dos professores, de como utilizar os documentos em suas aulas e como acessá-los; carência de disciplinas que trabalhem o uso de fontes históricas em sala de aula e a falta de investimento e iniciativas das instituições arquivísticas na educação patrimonial.

Com a pandemia, essas dificuldades se tornaram ainda maiores, devido à falta de recursos das escolas e dos estudantes de acesso aos meios digitais e do desafio das instituições arquivísticas em promoverem atividades virtuais. Mas também possibilitou que pudéssemos atingir alunos, escolas e realidades no Brasil afora, que, possivelmente, não estariam acessíveis em atividades presenciais. Além de ampliar nossas atividades educativas para o meio virtual.

Porém, hoje, estamos em uma situação de avanço da vacinação, onde a maioria das escolas brasileiras já retornaram às salas de aula presenciais, no formato híbrido, com parte dos alunos em casa e parte dos alunos na escola. Essa situação nos coloca um novo desafio: como desenvolver atividades de educação patrimonial no ensino híbrido? De que forma podemos continuar a desenvolver visitas com as escolas? E como será no pós-pandemia? Será que conseguiremos continuar nos comunicando com escolas fora da cidade do Rio de Janeiro?

Esperamos que com o nosso Projeto de Educação e Difusão Patrimonial da FGV CPDOC possamos contribuir com novas iniciativas, reflexões e experiências acerca da educação patrimonial nos acervos. Surgiram no âmbito desse projeto, diversas questões sobre

as iniciativas de educação patrimonial que desenvolvemos e que queremos desenvolver no nosso acervo e esperamos que possamos aplicá-las nos próximos anos.

Referências

AMADO, Daniele. Oficina de uso de fontes primárias em sala de aula: a experiência da Escola de Ciências Sociais/CPDOC. In: AMADO, Daniele; MONTEIRO, Fernanda (Orgs.) *Café com arquivo: o documento em debate*. 1. ed. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO): Escola de Ciências Sociais (FGV/CPDOC), 2018. p. 93-112. Disponível em: https://issuu.com/costa.catarina/docs/revista_ca?fbclid=IwAR0WLYo5CeC9P1Z5ocnj4QM87s73hFvcAaLuAxf2LF8E1mZyIVXY4AE6epw. Acesso em: 23 set. 2021.

ANDRADE, Vera Cabana. Repensando o documento histórico e sua utilização no ensino. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (Orgs.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007. p. 231-237.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008.

FRATINI, Renata. Educação Patrimonial em Arquivos. *Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 34, 2009.

GARCÍA-CEBALLOS, Silvia; MORÁN, Borsa Ajo. Patrimonio confinado: nuevos diálogos, desafíos y competencias educativas. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, DF*, v. 7, n. 3, p. 160-169, ago. 2020.

PARRELA, Ivana. Educação Patrimonial nos arquivos brasileiros: algumas experiências e perspectivas de uso da metodologia. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 41 n. 1, p. 124-133, jan./abr. 2013.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.